

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROF.º ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CAROLINA CARVALHO VERAS

**O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS ESCOLAS:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M333
CDD 438.007
CUTTER V473d
V _____ EX. 01
Data 15 / 10 / 2010
Visto JA

PARNAÍBA
2010

CAROLINA CARVALHO VERAS

**O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS ESCOLAS:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

Monografia apresentada ao programa de curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da professora Ms. Solange Aparecida de Campos Costa.

PARNAÍBA
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

V476d Veras, Carolina Carvalho

O Desenvolvimento da leitura nas escolas: reflexões sobre a
prática / Carolina Carvalho Veras. – Parnaíba, 2010.

54 f.

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia, Universidade Estadual do
Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientadora: Prof. Msc. Solange Aparecida de Campos Costa

1. Aprendizagem da Leitura. 2. Hábito de Leitura. 3. Leitura
(Ensino Fundamental). I. Título.

CDD – 370.156

CAROLINA CARVALHO VERAS

**O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NAS ESCOLAS:
REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA**

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
como pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

APROVADA EM: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Ms. Solange Aparecida de Campos Costa/UESPI

Presidente

Prof. Esp. Maria da Graça Bittencourt Alves/CNSG

Membro

Prof. Ms. Maria Rejane Lima Brandim/UFPI

Membro

Dedico este trabalho a Deus, por me permitir estar viva e por haver me dado persistência e dedicação ao realizá-lo. À minha mãe Sonia, por estar comigo sempre, me ajudando nos momentos mais difíceis de minha vida. Ao meu pai Carlos, meu irmão Diego, avós, tios, primos e amigos, por terem contribuído de várias formas, me incentivando na realização desta pesquisa e, ao mesmo tempo, me proporcionando momentos de alegria e descontração. Especialmente, aos meus padrinhos, pelo apoio que me propiciaram ao decorrer de minhas conquistas. E ao meu noivo, Bemardo Filho por me presentear com o seu carinho e com sua dedicação

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por todos os momentos felizes aos quais venho vivendo e por haver me permitido concluir este trabalho. Aos meus pais, Sonia e Carlos, pelo amor incondicional, apoio; motivação, compreensão e companheirismo que me dedicaram ao longo de minha vida. À minha orientadora, Solange Aparecida de Campos Costa, pelo apoio, disponibilidade e paciência que me dedicou, colaborando de diversas formas na realização desta pesquisa. Ao meu irmão Diego e a toda minha família, pelo carinho, respeito e por estarem compartilhando comigo nas alegrias e nas tristezas. Aos meus padrinhos, por me apoiarem e pelo incentivo que me proporcionaram ao longo de minha vida estudantil. Ao meu noivo Bernardo, pelo imenso carinho e pela compreensão que me dedicou no decorrer da realização dessa pesquisa. E a todos que contribuíram direta ou indiretamente na construção desse trabalho.

“As afinidades entre a escola e a leitura se mostram a partir das circunstâncias de que é por intermédio da ação da primeira que o indivíduo de habilita a segunda.”

Regina Zilberman

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa realizada em duas escolas da rede pública estadual da cidade de Parnaíba-PI, onde se observou como está sendo desenvolvida a prática da leitura nestes estabelecimentos de ensino. Desta forma, procura investigar a prática das docentes envolvidas, e principalmente, se a metodologia das mesmas favorece a formação de alunos leitores. Neste sentido, opta pela pesquisa qualitativa, baseada na interpretação das informações obtidas através da análise das observações e dos questionários aplicados às professoras. Para isso, fundamenta sua argumentação no pensamento de alguns teóricos, como, Aguiar (1993), Bamberger (2008), Demo (2006), Martins (2005), Zilberman (1993), dentre outros. Deste modo, procura abordar a importância do hábito da leitura no processo educativo, destacando algumas reflexões relevantes em torno desta prática, como o valor fundamental da prática do educador para o desenvolvimento do aluno, e conseqüentemente, o papel que o docente desempenha quanto ao incentivo da leitura. Nesse sentido, é preciso considerar que a leitura exerce um importante papel na vida social dos indivíduos, pois os tornam capazes de ampliar seus conhecimentos, estendendo sua visão a respeito dos direitos e deveres enquanto cidadãos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Docentes. Alunos. Cidadania.

ABSTRACT

This work results from a research made in two state public schools in the city of Parnaíba-PI, where it was observed how the reading practices are being developed in these educational institutions. Thus, we sought to investigate the practice of the teachers involved, and most importantly, if their methodology provides the formation of student readers. This way, we opted for the qualitative research, based in the interpretation of the information acquired by the analyzes of observations and from the questionnaires made for the teachers. Thereunto, the argumentation was based on the thoughts of some theorists as, Aguiar(1993), Bamberger(2008), Demo(2006), Martins(2005), Zilberman(1993), and more. So, We sought to talk about the importance of the habit of reading in the educational process, emphasizing some important reflections on this practice, for example, the essential value of the practice of the teacher for the student's development, and consequently, the role that the teacher makes in the incentive for reading. This way, it is necessary to consider that the reading makes an important role in social life of people, because it makes them capable of raising their knowledge, broadening their sight about their rights and duties while citizens.

KEY WORDS: Reading. Teachers. Students. Citizenship.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.....	17
Quadro 02 - O desenvolvimento da leitura pelos brasileiros.....	26
Quadro 03 - Porcentagem e faixa etária dos não-leitores no Brasil.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – O PERCURSO METODOLÓGICO.....	16
1.1 A abordagem qualitativa da pesquisa.....	16
1.2 Os sujeitos da pesquisa.....	17
1.3 Contexto empírico.....	17
1.4 Observação.....	18
1.5 Questionário.....	19
1.6 Categorias de análise.....	19
CAPÍTULO II – AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS RELACIONADAS À PRÁTICA DA LEITURA.....	20
2.1 Um breve histórico sobre a leitura na sociedade.....	20
2.2 A leitura e suas concepções.....	27
2.3 Os tipos de leitura.....	30
2.3.1 Leitura autônoma.....	30
2.3.2 Leitura colaborativa.....	31
2.3.3 Leitura em voz alta pelo professor.....	31
2.3.4 Leitura programada.....	32
2.3.5 Leitura de escolha pessoal.....	33
2.4 As fases da leitura.....	33
2.4.1 Pré-leitura.....	34
2.4.2 Leitura compreensiva.....	34
2.4.3 Leitura interpretativa.....	35
2.4.4 Desenvolvimento das habilidades críticas.....	35
2.4.5 Leitura crítica.....	36
2.5 A leitura na escola.....	37
CAPÍTULO III – ANALISANDO OS DADOS.....	41
3.1 Benefícios que a prática da leitura pode trazer.....	41
3.2 Frequência com que o professor incentiva a prática da leitura.....	42
3.3 Estratégias utilizadas pelo docente ao trabalhar a leitura nas aulas.....	43
3.4 Dificuldades encontradas pelo professor para que os alunos pratiquem a leitura.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46

REFERÊNCIAS..... 48

APÊNDICES..... 49

INTRODUÇÃO

A prática da leitura nas escolas vem sendo alvo de inúmeras discussões ao longo dos últimos anos. Neste sentido, o presente trabalho tem como finalidade investigar o hábito da leitura nas escolas públicas parnaibanas tendo em vista a importância desta prática para uma educação de qualidade.

No Brasil, as pessoas pouco leem o que é lamentável. Sem a leitura o cidadão fica desinformado, distante da realidade e seu conhecimento é limitado. Ler faz bem, ler informa, diverte, faz com que as pessoas pensem e argumentem.

Através da leitura as informações são criadas e disseminadas, as pessoas podem reestruturar suas ideias e reformular o conhecimento após a reflexão que a leitura propicia. Esta prática deve estar presente no dia-a-dia dos cidadãos, o quadro de poucos leitores no Brasil precisa ser revertido. Neste sentido, necessita-se de um número maior de alunos leitores nas escolas brasileiras e, para isso, deve haver um empenho maior dos professores para que seus alunos leiam cada vez mais.

A leitura não pode ser trabalhada como uma mera decodificação de palavras, os leitores necessitam refletir, investigar, comparar e reformular o seu ponto de vista sobre o conteúdo lido. Esta leitura não deve acontecer de qualquer modo, ler por ler não adianta, é necessário ler e analisar o que foi lido, pois além de alunos leitores se pretende formar alunos críticos. Decodificar palavras não é um aprendizado significativo, é necessário interpretar esta leitura. Assim sendo, é extremamente importante que todos saibam a forma adequada de se fazer uma boa leitura, pois quando esta é mal realizada não há o aproveitamento desejado.

A leitura tem um papel muito importante na vida das pessoas, mais para que os cidadãos tenham uma melhor condição de vida, um melhor vocabulário, para que sejam inteligentes e críticos, é necessário que assumam a leitura como um hábito e que sintam prazer ao exercê-la. Pois quando esta é feita por prazer, a compreensão textual flui mais rápido e, dessa forma, o conhecimento é adquirido mais facilmente. Assim sendo, se torna indiscutível a importância de se desenvolver no educando o gosto pela leitura e, para que isso ocorra, o educador deve se empenhar ao máximo na tentativa de melhorar o desempenho de seu aluno.

Contextualização do problema

A prática da leitura é uma realidade pouco presente no cenário escolar brasileiro. De modo geral, os alunos pouco leem e alguns professores não se empenham em fazer com que isso mude. Em alguns casos, há uma falta de interesse-não-somente por parte dos alunos como também pelos professores com relação à leitura.

Nesse sentido, é bastante comum que alguns professores iniciantes ou sem formação adequada cometam erros quanto a fala e escrita. Isso ocorre geralmente pela falta da leitura, já que a leitura constante enriquece o vocabulário das pessoas. Quem lê continuamente, se comunica bem com os outros. Assim, é até contraditório que alguns professores afirmem a importância da leitura para seus alunos sendo que os próprios não a praticam.

Sabe-se que com a ausência desse hábito as pessoas se tornam desinformadas, principalmente quanto aos fatos e discussões atuais. Os alunos em geral, não fazem a leitura de jornais e revistas semanais e ficam totalmente desinformados com relação ao que está acontecendo ao seu redor. Esta leitura é necessária para que os mesmos se aproximem do mundo cotidiano e para que tenham uma visão crítica e expressem suas opiniões com relação à atualidade.

Há que se considerar também que muitos professores não trabalham esta leitura informativa e permanecem ultrapassados no repasse de seus conteúdos. A leitura deixa de ser realizada muitas vezes por preguiça e falta de interesse dos alunos e professores e quando é feita, a limitam a uma simples decodificação de palavras, sem incentivar o questionamento por parte dos educandos se o que se está lendo é verdadeiro ou não.

A falta de bibliotecas também é um grande obstáculo para o ensino das escolas públicas, já que se sabe que faltam investimentos por parte do poder público e quando ele é feito, muitas vezes essa verba é desviada ocasionando esse problema. Porém é interessante que o professor vá à procura de soluções na tentativa de amenizar esta situação.

A realidade com relação ao hábito da leitura em algumas escolas é infelizmente desestimulante o que é prejudicial, pois ler é extremamente importante na vida de todo cidadão, porém, o que se observa é que lamentavelmente não há prazer em ler para a maioria. Diante do exposto, este trabalho questiona: como está sendo desenvolvida a prática da leitura nas escolas da rede pública na cidade de Parnaíba?

Objetivos

Geral

- Investigar como vem sendo desenvolvida a prática da leitura nas escolas públicas da cidade de Parnaíba.

Específicos

- Conhecer os fundamentos teóricos relacionados à prática da leitura.
- Identificar as atividades desenvolvidas pelo professor para o desenvolvimento da leitura dos alunos.
- Analisar as práticas adotadas pelo professor nas escolas.

Justificativa do trabalho

Devido à ausência do hábito da leitura em muitas escolas, viu-se a necessidade de investigar como vem sendo desenvolvida esta prática nas escolas públicas da cidade de Parnaíba – PI, tendo em vista sua importância tanto para os alunos como para os professores. Desse modo, o presente trabalho objetiva colaborar para um melhor entendimento à cerca da importância do hábito leitor, ressaltando alguns aspectos relevantes à sua prática, a fim de contribuir para futuras pesquisas voltadas a esta temática, agregando novas discussões ao meio educacional.

A escolha do tema aqui exposto partiu da preocupação com relação ao problema que se encontram algumas escolas públicas brasileiras devido à ausência do hábito da leitura. Pretende assim contribuir com conhecimentos que favoreçam uma educação de qualidade e que tenha como prioridade a melhoria das práticas educativas, nesse sentido, almeja reafirmar a necessidade de despertar o gosto pela leitura nos alunos já que se sabe a relevância do incentivo desta prática nos educandos. Para isso é preciso também conscientizar as instituições de ensino quanto à valorização dessa prática. Neste sentido, Bamberger (2008, p. 9) afirma que:

[...] todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da

importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento.

Percebe-se aí, na fala do autor, a importância da prática da leitura para a sociedade, e destacou-se também que tanto os docentes, como os pais, a escola, a comunidade e o próprio aluno, devem estar conscientes da relevância do hábito de ler. Portanto, diante do exposto, torna-se incontestável a importância da realização desta pesquisa.

Deste modo, o presente trabalho certamente contribuirá para o esclarecimento de algumas questões à cerca desta temática que são de interesse dos profissionais da educação empenhados na melhoria de suas práticas e que visam o crescimento de seus alunos. Assim, visa proporcionar conhecimentos para que esta melhoria ocorra de modo a contribuir para uma mudança positiva no cenário educacional. Espera-se que o estudo à cerca do tema aqui exposto contribua para a prática dos profissionais da educação que sentem a necessidade de rever suas práticas e que encontre nesse estudo um embasamento para melhorá-las.

Diante disso, é visível a motivação na realização desta pesquisa, tendo em vista que a mesma tem a finalidade de contribuir para a educação com o incentivo à leitura, uma vez que esta é indubitavelmente relevante ao que diz respeito à melhoria da prática educativa, já que se sabe que esta mudança é de fundamental importância.

Procedimentos metodológicos e estrutura do trabalho

Para coleta de dados, foram utilizados os seguintes instrumentos: observação participativa (cujo roteiro apresentado no Apêndice B) e o questionário (Apêndice A), que serão apresentados com maior detalhe posteriormente.

Desta forma, o presente trabalho foi estruturado em três capítulos, que estão divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo fala sobre todos os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, nele é abordado a pesquisa qualitativa, os instrumentos utilizados e os procedimentos que foram adotados para sua realização. No segundo capítulo há a exposição das ideias de alguns teóricos sobre a importância da prática da leitura. Para isso, serviu de referencial, Maria Helena Martins (2005), Paulo Freire (2006), Pedro Demo (2006), Regina Zilberman (1993), Richard Bamberger (2008), Vera Teixeira Aguiar (1993), dentre outros, que discutem aspectos relevantes quanto à prática da leitura nas escolas. No terceiro capítulo, há a exposição dos dados coletados por meio das observações e dos questionários aplicados e a análise dos resultados obtidos.

Após esses capítulos há as considerações finais a respeito da temática, onde ocorre um apanhado geral deste trabalho e sugestões para que haja a continuidade desta investigação.

•

CAPÍTULO I O PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta [...]
(Chizzotti, 2003)

Neste capítulo apresentar-se-á a metodologia utilizada para a realização da pesquisa. Desta forma, se discutirá sobre a pesquisa de caráter qualitativo fundamentada nas teorias apresentadas, em seguida relatar-se-ão os instrumentais adotados. Na presente pesquisa, foram utilizados como instrumentos a observação participante e o questionário.

1.1 A abordagem qualitativa da pesquisa

O trabalho realizado objetivou compreender como a leitura está sendo trabalhada nas escolas públicas da cidade de Parnaíba. Onde se procurou saber se os professores incentivam essa prática em seus alunos e os fatores que os impedem ou dificultam que os mesmos desenvolvam o hábito da leitura não somente na escola, como no dia-a-dia. A pesquisa realizada foi de caráter qualitativo onde o pesquisador descreve o objeto pesquisado, apontando a realidade apresentada pelos sujeitos da pesquisa. Deste modo, para Chizzotti (2003, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede estadual de ensino na cidade de Parnaíba, portanto, a coleta de dados foi desenvolvida nas próprias instituições de ensino, por meio de observações feitas durante as aulas e através de questionário com perguntas abertas onde as educadoras puderam se expressar livremente a respeito de sua prática docente com relação ao incentivo à leitura aos educandos.

Os sujeitos da pesquisa foram às professoras, o método utilizou a interpretação dos dados obtidos na coleta, além da análise de conteúdo que visa compreender criticamente às

informações coletadas. A seguir, pretende-se discorrer sobre cada um os instrumentos acima citados.

1.2 Os sujeitos da pesquisa

As colaboradoras da pesquisa foram às professoras das escolas pesquisadas, onde se observou a prática das mesmas tendo como foco a prática da leitura nos ambientes escolares.

As oito educadoras observadas atuam em turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, a identidade das mesmas será preservada por questões éticas, desta forma, no quadro abaixo elas serão identificadas por letras. A formação acadêmica e o tempo de serviço de cada professora também serão identificados.

PROFESSORA	FORMAÇÃO	TEMPO DE PROFISSÃO
Colaboradora A	Licenciada em Pedagogia	1 ano
Colaboradora B	Ensino Médio	5 anos
Colaboradora C	Licenciada em Pedagogia	6 anos
Colaboradora D	Cursando Pedagogia	3 anos
Colaboradora E	Especialista em psicopedagogia	2 anos
Colaboradora F	Especialista em psicopedagogia	2 anos
Colaboradora G	Cursando Pedagogia	2 anos
Colaboradora H	Especialista em psicopedagogia	4 anos

Quadro: Demonstrativo do perfil das colaboradoras da pesquisa.

Fonte: Questionário aplicado às professoras.

1.3 Contexto empírico

As duas escolas onde ocorreu a pesquisa são da rede pública estadual da cidade de Paraíba-PI. A primeira, atende as séries do Ensino Fundamental, Ensino Médio e algumas etapas da EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola funciona os três turnos, manhã, tarde e noite. A segunda funciona somente nos turnos da manhã e tarde, atende alunos do Ensino Fundamental.

A primeira escola observada dispõe de uma diretoria, uma sala para os professores, um laboratório de informática, uma brinquedoteca e biblioteca, oito salas de aula, um refeitório, uma dispensa, uma cozinha, banheiros masculino e feminino, banheiro para os funcionários e um pátio.

A segunda escola possui sete salas de aula, uma cantina, uma sala para os professores, uma diretoria, uma secretaria, um pátio, uma quadra descoberta e um laboratório de informática. Não dispõe de biblioteca, o que dificulta no que diz respeito à prática da leitura.

As duas escolas contam com nove professoras cada uma no ensino fundamental menor. Como se objetivou trabalhar com uma professora de cada série, a pesquisa foi realizada com quatro professoras de cada instituição.

Convém ressaltar que o nível econômico dos alunos de ambas as escolas é baixo e muitos destes educandos vêm de famílias desestruturadas o que dificulta o processo educativo de cada um.

1.4 Observação

A coleta dos dados partiu da observação participante. Que possibilitou uma melhor visão à cerca da realidade dessas escolas. Neste sentido, para Chizzotti (2003, p. 90):

A observação direta pode visar uma descrição “fina” dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, e o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

A observação participante foi muito relevante para conhecer a realidade das instituições observadas, pois só é possível formar uma visão crítica a partir dessa vivência do pesquisador com o ambiente pesquisado.

A pesquisa teve como foco investigar a prática da leitura em escolas públicas, portanto, observou alguns aspectos sobre a importância do papel do professor quanto ao incentivo desta prática. Desta forma, analisou os seguintes aspectos: interesse pelos alunos em realizar leituras, frequência da prática da leitura nas aulas, estratégias utilizadas pelo docente para trabalhar a leitura, os tipos de textos trabalhados, a relação professor-aluno, dentre outros.

A observação se dividiu em um período de três horas em cada turma, sendo oito turmas observadas, resultando assim em 24 horas de observação, isso equivale dizer que foram totalizadas, doze horas em cada escola. Esta etapa teve uma duração aproximada de duas semanas e meia.

Neste contexto, para Chizzotti: “A descrição e a compreensão podem estar compostas em uma observação compreensiva dos participantes descrevendo suas ações no contexto natural dos atores.” (2003, p. 90). Assim, se torna indiscutível a relevância desta etapa para a realização da pesquisa.

1.5 Questionário

O questionário é um instrumento da pesquisa que é composto por perguntas, que interrogam os participantes a respeito do tema presente na mesma. Pode ser caracterizado por apresentar perguntas abertas, onde o participante pode discorrer livremente e abertamente expondo seu ponto de vista ou perguntas fechadas, onde as respostas estarão prontas para que a interrogada escolha a resposta correta.

Devido a presente pesquisa apresentar um caráter qualitativo, optou-se pela utilização de questionário com respostas abertas, tendo em vista a obtenção de respostas mais completas, desta forma, possibilitando um recolhimento de dados mais profundos e específicos. Facilitando assim uma melhor interpretação dos dados obtidos.

Cada professora recebeu um questionário no primeiro dia de observação, solicitou-se sua entrega no dia posterior, porém duas das professoras não entregaram o questionário na data solicitada. Somente após as observações, os mesmos foram entregues. As educadoras alegaram esquecimento ao demorar a respondê-los.

Apesar dos obstáculos, todos os questionários foram recebidos ao final do período de observação.

1.6 Categorias de análise

Visando a melhoria na interpretação dos dados obtidos na realização da pesquisa, preocupou-se em analisar as seguintes categorias de análise:

- Benefícios que a prática da leitura podem trazer ao educando.
- Frequência com que o professor incentiva a prática da leitura.
- Estratégias utilizadas pelo docente ao trabalhar a leitura nas aulas.
- Dificuldades encontradas pelo professor para que os alunos pratiquem a leitura.

As categorias de análise acima apresentadas auxiliaram a análise dos dados que serão demonstrados no capítulo III.

CAPÍTULO II

AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS RELACIONADAS À PRÁTICA DA LEITURA

Neste capítulo discorrer-se-á sobre as concepções de leitura, fundamentado em diversos autores que contribuem com a realização de estudos voltados a essa temática. Desta forma, se abordará aspectos que envolvem as concepções de leitura, sua história na sociedade, os tipos de leitura, suas fases, a leitura no processo de aprendizagem, bem como sua prática na escola e algumas estratégias de como trabalhá-la em sala de aula na tentativa de despertar no educando prazer ao exercê-la.

2.1 Um breve histórico sobre a leitura na sociedade

As práticas sociais da leitura, assim como as técnicas em impressão da escrita, variam de acordo com a época, neste sentido, se pretende abordar aqui, alguns fatos importantes ocorridos na história da leitura.

Na Idade Antiga o conhecimento era repassado basicamente por meio da tradição oral. A leitura era realizada em voz alta através de um escriba-testemunha. Nesta época, a leitura tratava de um testemunho oficial de um meio oral. Muitas pessoas procuravam os escribas e ditavam mensagens para que os mesmos as levassem ao destinatário, e essas mensagens eram transmitidas oralmente pelos escribas.

Na Antiguidade, apesar de muitas pessoas terem o domínio das técnicas da leitura, a transmissão do conhecimento era realizada através do diálogo, onde depois era registrado no escrito. A escrita por sua vez, era pouco valorizada nesta época. Nesse sentido, o leitor na antiguidade era um ouvinte. Pois devido à dificuldade de se publicar obras escritas, adotaram a prática de recitações públicas, onde o leitor ou outro profissional da leitura as exerciam. Assim, através desse contato da população com as obras, leitores e não-leitores se encontravam e participavam dessas leituras. Sobre a leitura na antiguidade, para BARBOSA (1994, p. 97):

Apesar das dificuldades, o aumento da reprodução das obras através da cópia resultou no crescimento do número de bibliotecas particulares e públicas, cujo exemplo marcante é a biblioteca de Alexandria, fundada no início do século III a.C., no Egito, acumulando um acervo de 500 000 obras da Antiguidade. Essas bibliotecas foram fundamentais para a conservação

dos textos antigos, através da reprodução copiada dos originais, tarefa realizada pela Igreja. Mas, de fato, apesar da representatividade das obras escritas na Antiguidade, tratava-se ainda das civilizações presas a uma cultura oral e auditiva, nas quais a cultura escrita desempenhava um papel secundário.

Neste sentido, apesar do aumento de obras escritas, a tradição da oralidade era bastante intensa. Quando ocorreu a ampliação dos domínios das cidades-estado, houve um aumento quanto às necessidades da escrita, exigindo assim, formas mais elaborada de documentação escrita que tinham a finalidade da leitura oral. Ou seja, nesta época, a oralidade regia a sociedade e não a leitura e a escrita.

No decorrer da história, a religião foi bastante importante para a alfabetização. Neste contexto, para FISCHER (2006, p. 37):

Os escribas-padres figurariam entre os primeiros leitores da sociedade. Depois deles, vieram os eruditos da elite e, a seguir, os celebrantes seculares que, por sua vez, expandiram e diversificaram o material de leitura, acabando por indicar um conceito de educação geral.

Desta forma, segundo o autor, a igreja influenciava a sociedade, pois os padres-escribas escreviam o que lhes eram ditados e por meio da tradição oral, faziam à leitura em voz alta nas cerimônias sagradas. Sendo assim, houve o surgimento de uma grande parte da leitura religiosa mundial no primeiro milênio a.C.

Com o grande aumento da escrita, os povos gregos e romanos das variadas classes sociais passaram a fazer as leituras em voz alta de rolos de papiros. Papiro era um papel que os egípcios confeccionavam a partir das partes de uma planta que tinha o mesmo nome. As folhas eram unidas e formavam um rolo que precisava que o desenrolassem para que fosse lido. Nesta perspectiva, segundo FISCHER (2006, p. 43):

Quando o papiro se tomou um material de escrita mais conhecido, ainda que extremamente caro, seu comércio teve súbito crescimento, o que promoveu a leitura e a escrita no litoral mediterrâneo. O Egito, por consequência, passou a produzir enormes quantidades de papiro para os gregos e, mais tarde, para os mercados romanos. Como resultado, o comércio dos livros confeccionados em rolos de papiros se desenvolveu em Roma, um grande número de publicadores que, por sua vez, empregavam centenas de escribas e ilustradores.

Neste sentido, observa-se que poucos possuíam dinheiro para a compra dos rolos de papiro, porque o material se tornava caro. Pois todas as pessoas envolvidas na importação do papiro cobravam uma porcentagem. Porém, com a expansão do uso desse material, houve

mais tarde a mudança da tradição oral para a escrita que ocorreu na transição entre os séculos IV e V a.C. Portanto, percebe-se a importância que o papiro teve para desenvolvimento cultural e a prática da leitura.

Já no século I d.C., o pergaminho ganha espaço, sobre este assunto, segundo BARBOSA (1994, p. 98):

No primeiro século d.C., o uso do pergaminho, substituto do papiro, expande-se, e o suporte material dos textos passa a ser o códice. Além de não ser raro como o papiro, que encarecia a produção escrita, o pergaminho era um material bem mais flexível, fato que permitia a confecção de um suporte material mais prático para o texto. Além disso, o pergaminho permitia a impressão de escrita nos dois lados da folha. O volumen foi ultrapassado, e nasceu a primeira forma de livro portátil: o códice, composto por folhas dobradas, formando cadernos unidos uns aos outros.

Assim sendo, é interessante se observar que os materiais impressos vão se modificando de acordo com o tempo e sempre estão evoluindo, assim como o significado que os mesmos possam ter na sociedade.

Neste sentido, no fim da Antiguidade e na alta Idade Média, o livro passa a ser um símbolo sagrado, passando por um processo de transformação. Portanto, há o surgimento de uma cultura espiritual entre as pessoas. BARBOSA (1994, p. 98) aprofunda essa questão. Para ele:

O monopólio da instrução também fica com a Igreja, restringindo-se a visão intelectual aos mosteiros. Culto e cultura estavam estreitamente ligados, e só fazia sentido aprender a ler, caso se pretendesse seguir a vocação religiosa. Nesse caso a criança era admitida na escola aos 7 anos onde o ensino era sobretudo oral: o mestre falava e instrua e a criança ouvia e memorizava, pois saber era saber de cor. A leitura era ensinada em latim e, para aprender, os escolares decoravam o Livro dos Salmos, livro de leitura elementar que recitavam balançando o corpo, tal como judeus e muçulmanos lendo a Tora e o Alcorão. Ensinar os Salmos significava ensinar a ler.

Deste modo, nesta época a leitura era algo sagrado, além disso, a mesma era realizada em voz alta através da vocalização da escrita. Desta forma, era bastante difícil encontrar pessoas que fizessem leitura silenciosa, pois a leitura de um texto, normalmente, era pronunciada em voz alta.

Entretanto, em meados do século XI a educação vai se tornando um assunto particular e a Igreja vai perdendo o monopólio do ensino. Houve um crescimento bastante

significativo das áreas urbanas em consequência do aumento das atividades comerciais e manufatureiras. Com todo esse crescimento gerado por essas mudanças, o livro aparece como suporte didático ao professor nas universidades. Porém devido à baixa produção livreira, o professor passa a utilizar de uma nova metodologia, o ditado. Sendo assim, ele juntamente com seus alunos, passam a ser editores dos seus próprios livros. Apesar de já existirem universidades na Idade Média, as mesmas só se tornaram populares a partir do século XVIII, com o avanço do Iluminismo.

Com isso, devido o aumento da quantidade de leitores, a produção livreira passou a ser estimulada. Com estes progressos muitas coisas foram se modificando, as pessoas passam a ver o analfabetismo como algo negativo. Porém, apesar dessas transformações ocorridas nesta época, ainda poucas pessoas sabiam ler.

Entretanto, no final da Idade Média, no século XIV, houve o surgimento da impressão. No ano de 1405 na China, Pi Sheng inventou a máquina impressora de tipos móveis. Porém, a máquina impressora que provocou uma maior revolução cultural foi a de tipos móveis reutilizáveis, criada por Johannes Gutenberg. O primeiro livro que foi impresso nela foi a Bíblia em latim. Com essa criação, desenvolveu assim a tipografia, dela dependia a confiabilidade do texto e a capacidade de serem lidos por muitas pessoas.

A partir do século XVII, há uma mudança no mercado, passam a surgir contos populares e amorosos, calendários e almanaques, onde há uma enorme aceitação pela população mais pobre. Neste sentido, dois tipos de leitores foram surgindo. Segundo BARBOSA (1994, p.104):

O primeiro deles, resistência de tradição oral, faz do livro e da leitura elementos de coesão familiar, em reuniões em que são compartilhadas mensagens sacras e edificantes; é a leitura oral e coletiva, que interpõe, entre o texto e o significado, a voz velada da escrita. O outro comportamento, mais eficaz e privilegiado, faz do leitor um personagem solitário e silencioso, tratando a escrita como uma linguagem para os olhos.

O livro, durante muito tempo, foi visto como um objeto de arte. Até o final do século XVIII, os livros eram produzidos de forma artesanal, sendo assim, cada artesão confeccionava seus exemplares de forma individual, ou seja, cada livro tinha suas próprias características. Desse modo, o leitor primeiramente observava a estética do livro e atentava a todos os detalhes com relação à qualidade da impressão, do papel, a paginação. Somente após essa análise detalhada, o leitor passava a fazer a leitura do texto.

Com o passar do tempo essa idéia veio a ser modificada. Sobre isso, BARBOSA (1994, p. 96) afirma que:

O livro, antes objeto de arte, passa a ser um produto de consumo de massa. Ao mesmo tempo, perde a primazia como suporte da escrita. Esta passa a ser gravada em diversos suportes materiais como cartazes, jornais, folhetins etc. Paralelamente, e como conseqüência, o uso e as funções da leitura mudaram radicalmente. O leitor perdeu a consciência tipográfica desenvolvendo novas qualidades: a rapidez e a flexibilidade nas várias e diversificadas situações de leitura proporcionadas pelo social.

Sendo assim, com essas novas oportunidades de leitura, a concepção do leitor passa por diversas transformações. Entretanto, sabe-se que até o século XVIII, a leitura se caracterizava bastante pela religiosidade dos livros sagrados da Idade Média.

Assim diante das transformações ocorridas na sociedade, com o passar do tempo, passa a surgir uma nova classe de leitores. Sobre isso ZILBERMAN (1993, p. 13):

Com o domínio generalizado da habilidade de ler, conseqüência da ação eficaz da escola, opera-se uma gradativa, más irreversível, democratização do saber. Por outro lado, aparecem as primeiras expressões da cultura massificada, devido a explosão de uma literatura popular cuja transmissão se fizera, até aquele momento, por intermédio das formas orais, acompanhadas pela música. Sem perder sua popularidade, a literatura descobre novas vias de propagação entre seu público, gerando a "leituromania", que levou os pedagogos da época a campanhas de esclarecimento e alerta contra os perigos da leitura em excesso.

Com isso percebe-se que nesta época houve uma ampliação do sistema escolar e ocorreu nesse período uma demanda por mais escolas. Por outro lado, em 1746, houve o receio de que com a população sabendo ler e escrever, o trabalhador manual em busca de melhores condições de vida, passasse a questionar as ações e ideias do estado. Pois se sabe que a população não-letrada, era, de certa maneira, alienada às questões sociais estabelecidas na época.

Durante muito tempo a leitura foi privilégio de poucos. Quanto aos escritores, os mesmos vinham da alta sociedade eram: padres, nobres, médicos, advogados. A elite se reunia nos clubes de leituras (cabinets litteraires) para fazerem à leitura dos livros. Sobre essa questão, para MORAIS (1996, p. 16):

Antes do século XIX quer dizer antes da revolução industrial a leitura era assunto de uma minoria, quer fosse a leitura de romances, de escrituras divinas, ou de textos ligados mais diretamente às instituições ou às profissões.

Assim, observa-se que a leitura neste período ainda era realizada pelas pessoas das classes mais favorecidas. Hoje em dia houve um enorme avanço, os materiais de leitura estão cada vez mais acessível o que é de muita relevância para a educação mundial.

Na atualidade o governo brasileiro vem criando alguns programas para incentivar a leitura, porém, apesar dessas medidas, percebe-se que a educação tem muito a melhorar com relação a essa prática.

Neste sentido, é interessante que se observem alguns dados obtidos através de uma pesquisa realizada em 2001, onde foram entrevistadas 86 milhões de pessoas, em 44 cidades de 19 estados, ou seja, em torno de 49 % da população brasileira. A mesma apontou que, nas pessoas com idade superior a 15 anos e com pelo menos 3 anos de escolaridade, o índice médio de leitura por ano é de 1,8 livros.

Outra pesquisa mais atual e completa, realizada em 2008¹, mostra melhores resultados. Ela aponta um grande avanço no que diz respeito aos leitores no Brasil. Foram ouvidos 5.012 cidadãos, de 27 estados, em 311 municípios, cerca de 92,3% da população brasileira. Nesta pesquisa, 55% dos entrevistados disseram se considerar leitores, a mesma mostrou que a média anual de leitores com mais de 15 anos de idade e com ao menos 3 anos de escolaridade, aumentou para 3,7 livros por ano. Pôde-se constatar também que o brasileiro lê por ano 4,7 livros, já que se foi considerado leitor, os entrevistados que leram nos últimos 3 meses antes da pesquisa pelo menos 1 livro. As pessoas que mais lêem são os estudantes, pois os que não freqüentam a escola lêem cerca de 1,3 livros por ano.

Para se ter uma visão mais ampla e aprofundando melhor os esclarecimentos a respeito da pesquisa realizada, apresenta-se o quadro a seguir, contendo o grau de formação dos entrevistados, a quantidade de livros lidos durante um ano, quantas horas por semana os mesmos desenvolvem a leitura e a leitura didática, revelando também a porcentagem de leitores espontâneos.

¹ Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, divulgada pelo Instituto Pró-Livro em 2008, realizada pelo Ibope Inteligência.

Formação	Livros por ano	Horas Semanais de Leitura	Horas Semanais de Leitura Didática	Leitores Espontâneos
Ensino Superior	8,3	2,5	3,4	34%
Ensino Médio	4,5	2,2	2,2	39%
Entre 5ª e 8ª série do E. Fundamental	5	1,4	2,3	33%
Até 4ª série do E. Fundamental	3,7	1,5	1,9	38%

Quadro 02: O desenvolvimento da leitura pelos brasileiros.

Fonte: //sites.google.com/site/leituraereleitura/indice-de-leitura-no-brasil

Ao observar o quadro se pode perceber que a realidade brasileira está melhorando a respeito da prática da leitura. Deste modo, é importante destacar que, comparando com o desenvolvimento da leitura em outros séculos, se pode constatar que a mesma a cada ano que passa vai se tornando mais acessível à população, isso se deve a inúmeros fatores, como, o aumento do número de bibliotecas, embora a quantidade destas ainda possa ser insuficiente, a criação dos livros de bolso, com um preço mais acessível à população e algumas medidas do governo como o vale cultura que pode ser gasto com a aquisição de livros.

Sendo assim, é interessante relatar que a mesma pesquisa, tratou de apontar a porcentagem dos entrevistados considerados não-leitores, bem como a faixa etária dos mesmos, deste modo, apresentar-se-á a no quadro a seguir os dados obtidos.

Idade	% de Não-Leitores
Entre 30 e 39 anos	15%
Entre 40 e 49 anos	15%
Entre 50 e 59 anos	13%
Entre 60 e 69 anos	11%

Quadro 03: Porcentagem e faixa etária dos não-leitores no Brasil.

Fonte: //sites.google.com/site/leituraereleitura/indice-de-leitura-no-brasil

Portanto, a partir da análise desses dados pode-se constatar que, apesar dos avanços, o número de não-leitores no Brasil ainda é bastante significativo, desta forma, para que haja uma mudança benéfica neste sentido, é necessário que a escola, a família, o governo e a sociedade contribuam para que cada vez, mas o número de leitores cresça, proporcionando assim um grande desenvolvimento na educação dos cidadãos.

2.2 A leitura e suas concepções

A leitura, além de ser definida como um processo de decodificação de símbolos gráficos deve ser entendido também como a interpretação das ideias expressas graficamente. Neste sentido, CATTANI e AGUIAR (1993, p. 26) aprofundam essa questão afirmando que:

A leitura é pensada num processo total de percepção e de interpretação de sinais gráficos e das relações de sentido que os mesmos guardam entre si. Ler não é, então, apenas decodificar palavras, mas converte-se num processo compreensivo que deve chegar às idéias centrais, às inferências, à descoberta dos pormenores, às conclusões.

Diante do exposto, observa-se que a leitura não deve ser trabalhada no sentido restrito, tendo em vista que a mesma deve ser um processo onde o leitor compreende e interpreta o que foi lido, assim sendo, a leitura deve ser entendida como um meio bastante eficaz de se desenvolver a linguagem e a personalidade do leitor, já que se espera que o mesmo passe por uma reflexão após cada leitura. Desse modo, torna-se indiscutível a importância da reflexão sobre o ato de ler, pois o mesmo contribui de forma muito relevante na formação integral do homem, através do desenvolvimento do seu pensamento, assim possibilitando que este passe a se posicionar criticamente.

A respeito disso, segundo os PCN's (2000, p. 53):

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra.

Sendo assim, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais se vê a necessidade de um esclarecimento maior sobre a leitura, ultrapassando um conhecimento superficial e errôneo comumente utilizado, pois para muitas pessoas ela não passa de uma mera ação de decodificar letras e palavras. Portanto é de suma importância deixar claro que a mesma tem o papel de provocar muitas reflexões, fazendo assim com que se tenha um leitor maduro, deixando de ser um simples decodificador. Entretanto, para MARTINS (2005, p. 32): “Decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente”. Assim observa-se a importância da decodificação de signos lingüísticos, porém se não houver uma compreensão dos mesmos a leitura não será realizada

de uma forma relevante.

Neste sentido, ainda segundo os PCN's (2000, p. 55):

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de "leitores" capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Diante disso, se torna inquestionável o cuidado que se deve ter na formação do leitor, pois muitos educandos são incapazes de interpretar o que leem e o educador deve trabalhar de forma primordial a interpretação textual com seus alunos. Por outro lado se deve abandonar a concepção de que um texto provoca uma única interpretação, pois dependendo do assunto abordado, a leitura pode despertar inúmeras interpretações. Assim, torna-se necessário que, se tratando da escola, o professor procure compreender o ponto de vista do aluno como no caso de textos literários, por exemplo, estes podem provocar diversas interpretações. Entretanto, há que se ressaltar também que existem textos como os informativos, ou enunciados das atividades que não costumam admitir mais de uma interpretação.

Sendo assim, através da leitura além de poderem reconhecer as palavras é necessário que haja a compreensão para que assim o leitor possa interpretar e se posicionar criticamente diante dela. É de extrema importância para o desenvolvimento intelectual da criança que o educador trabalhe diariamente com interpretação de textos, pois assim este aluno não estará apenas decodificando as palavras escritas neles e passará a ter uma visão crítica das idéias expostas nesta leitura. Deste modo, sobre algumas metodologias adotadas pelo professor ao trabalhar a leitura os PCN's (2000, p. 55) afirmam que:

O conhecimento atualmente disponível a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam.

Com base nessa ideia de que o educador deve oferecer ao aluno várias formas para que o educando aprenda a ler, se torna indiscutível a importância do envolvimento e do comprometimento do educador com relação ao aprendizado da leitura desenvolvido pelo seu aluno. Desta forma, quando a escola pretende formar um bom leitor, este deve interpretar o

que lê estabelecer relações entre o texto lido e outros textos e deve estar consciente de que uma leitura pode possibilitá-lo a atribuição de diversos sentidos a um texto.

Neste sentido, para MARTINS (2005, p. 23):

[...] Muitos educadores não conseguiram superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pílula com métodos sofisticados e supostamente desalienantes. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Neste contexto, vale ressaltar o equívoco de muitos docentes, pois estes muitas vezes impõem tipos de leitura para seus alunos sem antes fazer um diagnóstico de que tipo de leitura o motivará e o agradará, pois os educandos muitas vezes se perguntam o por que de estarem lendo certo texto, ou até mesmo para que estão fazendo essa leitura. Portanto, cabe ao professor propor situações interessantes e proporcionar ao seu aluno um maior contato com o hábito de ler.

Assim, para que se desenvolva uma boa leitura, esta deve parecer interessante ao leitor, pois muitas vezes, ele deixa de realizá-la com entusiasmo porque ela não pareceu interessante diante de seus olhos. Sobre isso, MARTINS (2005, p. 10) complementa essa questão, para ela: “Se o texto é visual, ficamos cegos a ele, ainda que nossos olhos continuem a fixar os sinais gráficos, as imagens. Se é sonoro, surdos. Quer dizer: não o lemos, não o compreendemos, impossível dar-lhe sentido porque ele diz muito pouco ou nada para nós”. Dessa maneira, se o texto não interessar ao leitor se tornará bastante complicada a realização dessa leitura o professor é responsável de despertar em seu aluno o gosto pela leitura, pois na sala de aula é ele que propõe o material para a leitura.

Por outro lado, para muitas pessoas a concepção de leitura se limita apenas ao ato de ler textos. Sobre isso MARTINS (2005, p.30) afirma que:

Seria preciso, então, considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido.

Assim observa-se que, a linguagem, por ser muito abrangente, vai além da leitura textual e se manifesta de várias formas como por gestos, sinais, música, pintura, etc. Portanto,

torna-se claro que a leitura vai além da produção escrita. Ou seja, as pessoas se comunicam sem haver necessariamente o uso de palavras escritas, assim, a comunicação entre as pessoas pode se manifestar através de gestos, expressão facial, palavras verbalizadas ou escritas.

Sobre isso, MAROTE e FERRO (2002, p. 49) aprofundam essa questão, para eles:

[...] leitura é “atribuição de sentidos”. Ora, tanto se pode dar sentido a um texto escrito como a um texto oral. Ler, neste caso, não implica necessariamente domínio do código escrito. Com efeito, qualquer manifestação de linguagem pode ser “lida”, vale dizer, aprendida. E manifestação de linguagem tanto pode ser um texto de um escritor famoso, como a fala, o texto, de uma pessoa simples, uma gravura, um gesto, um olhar.

Desta forma, os autores citados acima reforçam a idéia do real sentido da leitura, já que se sabe que a mesma não pode ser realizada como simplesmente o ato de decodificar sinais gráficos. Portanto, o ato de ler não se limita apenas à leitura de palavras, ele se estende a todas as diversas manifestações de linguagem.

Assim, diante das concepções de leitura aqui apresentadas, torna-se incontestável a afirmação de que a verdadeira aprendizagem só ocorre através das diferentes formas de leitura, bem como a sua relevância para o processo educativo.

2.3 Os tipos de leitura

Tendo como base os Parâmetros Curriculares Nacionais verifica-se a abordagem de diversas estratégias de como trabalhar a leitura em sala de aula. Assim, cabe ao educador adequar essas estratégias à realidade de sua sala de aula, dependendo do momento e da situação, o docente pode realizar esses tipos de leitura com o seu alunado.

2.3.1 Leitura autônoma

Esse tipo de leitura contribui muito para o desenvolvimento do educando, pois ela é realizada pelo aluno individualmente e parte da indicação do texto pelo professor. Sendo assim; segundo os PCN's (1997, p. 72):

A leitura autônoma envolve a oportunidade de o aluno poder ler, de preferência silenciosamente, textos para os quais já tenha desenvolvido uma certa proficiência. Vivenciando situações de leitura com crescente independência da mediação do professor, o aluno aumenta a confiança que

tem em si como leitor, encorajando-se para aceitar desafios mais complexos.

Essa estratégia faz com que o aluno, sozinho, desenvolva a leitura fazendo-a de forma silenciosa, assim ele se sente mais independente, pois após a leitura, passa por uma reflexão e se sente mais encorajado a realizar outras leituras. Esse tipo de leitura é uma modalidade didática que faz com que o professor verifique qual o nível de aprendizagem que o aluno vem desenvolvendo.

É interessante que o educador adote esse tipo de leitura em sala de aula, pois o educando deve ter esse momento de aproximação individual com o texto, tendo uma maior relação com o mesmo.

2.3.2 Leitura colaborativa

A leitura colaborativa é bastante eficaz, pois esta, sendo bem realizada, faz com que o aluno desenvolva seu pensamento, passando por reflexões, despertando assim seu lado crítico. Sobre esse tipo de leitura, segundo os PCN's (1997, p. 72):

A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices lingüísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos. É uma excelente estratégia didática para o trabalho de formação de leitores, principalmente para o tratamento dos textos que se distanciam muito do nível de autonomia dos alunos. É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas lingüísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, validar antecipações feitas etc.

Neste sentido, a leitura colaborativa vem a despertar o lado crítico do leitor, contribuindo assim, para a formação de alunos mais maduros e reflexivos. Quando o educador propõe esse tipo de leitura em sala de aula, o mesmo interroga seu aluno e faz com que o educando perceba a intenção do autor, saiba identificar os sentidos figurados apresentados nos textos e se o que está sendo lido é verdade ou ficção. Desta forma, fazendo com que o aluno se torne um questionador ao praticar a leitura.

2.3.3 Leitura em voz alta pelo professor

A leitura em voz alta pelo professor, geralmente é pouco desenvolvida pelos

educadores nas escolas, porém é de muita relevância. Deste modo, de acordo com os PCN's (1997, p. 73):

Além das atividades de leitura realizadas pelos alunos e coordenadas pelo professor, há as que podem ser realizadas basicamente pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos que possibilita ao aluno o acesso a textos longos (e às vezes difíceis) que, por sua qualidade e beleza, podem vir a encantá-lo, mas que, talvez, sozinho não o fizesse. A leitura em voz alta feita pelo professor não é prática comum na escola. E, quanto mais avançam as séries, mais incomum se torna, o que não deveria acontecer, pois, muitas vezes, são os alunos maiores que mais precisam de bons modelos de leitores.

Neste sentido, esse tipo de leitura é bastante recomendado para as séries iniciais já que, nesta fase há muitos alunos não alfabetizados nas escolas. No entanto, essa forma de leitura não deve ser desenvolvida apenas com esses alunos.

O professor serve de modelo para os educandos. Desta forma, quando o educador desenvolve a leitura, o mesmo acaba por influenciar seu aluno. Assim, já que o educador é tido como referência por alguns, ao adotar essa metodologia, o mesmo estimula seu aluno a ler cada vez mais. Portanto, é bastante importante que o professor nunca deixe de adotar esse tipo de leitura em sala de aula.

2.3.4 Leitura programada

Muitos alunos não gostam de praticar leitura pelo fato da complexidade de alguns textos. A leitura programada é uma excelente solução diante de uma situação como esta. Neste sentido os PCN's (1997, p. 73) afirmam que:

A leitura programada é uma situação didática adequada para discutir coletivamente um título considerado difícil para a condição atual dos alunos, pois permite reduzir parte da complexidade da tarefa, compartilhando a responsabilidade. O professor segmenta a obra em partes em função de algum critério, propondo a leitura seqüenciada de cada uma delas. Os alunos realizam a leitura do trecho combinado, para discuti-lo posteriormente em classe com a mediação do professor. Durante a discussão, além da compreensão e análise do trecho lido, que poderá facilitar a leitura dos trechos seguintes, os alunos podem ser estimulados a antecipar eventuais rumos que a narrativa possa tomar, criando expectativas para a leitura dos segmentos seguintes.

Assim, leitura programada vem a ser utilizada para facilitar a compreensão da leitura por parte dos alunos, de uma forma bastante interessante, já que a mesma se dá através

de discussão coletiva, onde os alunos podem expor suas opiniões à cerca do que foi lido. Desta forma, o educador mostra ao aluno uma forma de tornar fácil o que antes para eles era difícil, já que o texto parecia complicado.

Neste sentido destaca-se também a importância do trabalho coletivo, ou seja, com a leitura programada há a participação de todos na discussão.

2.3.5 Leitura de escolha pessoal

É imprescindível que o professor trabalhe com a leitura de escolha pessoal em sala de aula, já que através dessa metodologia, o educando tem a oportunidade de escolher o que quer ler. Esse tipo de leitura é uma forma de o aluno ler por prazer, pois a leitura foi de escolha própria. Neste contexto, as leituras de escolha pessoal, segundo os PCN's (1997, p. 73):

São situações didáticas, propostas com regularidade, adequadas para desenvolver o comportamento do leitor, ou seja, atitudes e procedimentos que os leitores assíduos desenvolvem a partir da prática de leitura: formação de critérios para selecionar o material a ser lido, rastreamento da obra de escritores preferidos etc. Neste caso, o objetivo explícito é a leitura em si, é a criação de oportunidades para a constituição de padrões de gosto pessoal. [...] A partir daí, os alunos escolhem o que desejam ler, tomam emprestado o livro (do acervo de classe ou da biblioteca da escola) para ler em casa e, no dia combinado, parte deles relata suas impressões, comenta o que gostou ou não, o que pensou, sugere outros títulos do mesmo autor, tema ou tipo [...]

Sendo assim, através da leitura de escolha pessoal, o aluno se sente motivado a ler. Desta forma, ao propor esse tipo de leitura na escola, o educador estará despertando no educando o gosto pela leitura, já que o mesmo fará a leitura do que for de seu interesse. O aluno após fazer essa leitura terá a oportunidade de se socializar com a turma, poderá apresentar o texto para os colegas, dizer o que gostou e o que não gostou e ainda sugerir leituras para o restante da turma, portanto, esse tipo de leitura se torna bastante interessante para o aluno, já que a mesma foi escolhida por ele.

2.4 As fases da leitura

De acordo com a idade e as experiências vividas pelo leitor, observa-se que o mesmo vai se desenvolvendo intelectualmente, assim passando pelas fases da leitura. Neste

sentido, discurrir-se-á sobre as mesmas, destacando: a fase da pré-leitura, leitura compreensiva, leitura interpretativa, desenvolvimento das habilidades críticas e leitura crítica.

2.4.1 Pré-leitura

A fase da pré-leitura compreende de três a seis anos de idade, neste período a criança está desenvolvendo a linguagem oral e as capacidades que farão com que ela esteja apta à aprendizagem da leitura. Sobre esta fase, AGUIAR (1993, p. 94) afirma que:

A literatura infantil ajudará a criança no processo de apreensão do mundo e no domínio da linguagem. Como seus interesses dizem respeito sobretudo ao som, ao ritmo e às cenas individualizadas, os livros destinados a esta fase devem ter pouco texto, muitas gravuras e rimas, tratando de animais e objetos conhecidos e cenas familiares ao mundo infantil.

Sendo assim, a criança desenvolve a percepção e faz relações entre as imagens e as palavras. Neste período também a criança faz pouca diferença entre o mundo e o seu “eu”, desta forma, a literatura, através dos livros, com figuras relacionadas ao seu meio, a auxiliará nessa distinção. Portanto, nesta fase, é recomendado que o professor trabalhe com livros de gravuras, com rimas infantis, e imagens que tenha a ver com a realidade da criança.

2.4.2 Leitura compreensiva

Nesta fase, de seis a oito anos, a criança está passando pelo processo de alfabetização. Neste período, algumas crianças adquirem a capacidade de ler textos curtos, elas vão se desenvolvendo e começando a realizar uma leitura silábica e de algumas palavras. As ilustrações nos livros são muito necessárias, pois fazem com que a criança associe o que está sendo lido e o pensamento que o texto provoca. Neste contexto, sobre a criança nesta fase, para AGUIAR (1993, p. 96):

Suas preferências são as histórias do cotidiano, que envolvem pessoas, animais e fatos do mundo familiar, da escola e da comunidade próxima. Os livros para essa faixa retratam o universo infantil em termos de suas relações com os adultos, suas dificuldades na manipulação de situações novas de independência, seus problemas (lentidão, necessidade de usar óculos, o primeiro dia de aula, etc.).

Portanto, é interessante que o professor trabalhe com textos que retrate o dia-a-dia da criança, ou seja, o seu universo. Nesta fase também, a leitura de contos de fadas, fábulas e lendas são de bastante interesse por parte da criança, pois a mesma vive um período de mentalidade mágica.

2.4.3 Leitura interpretativa

A fase da leitura interpretativa de oito a onze anos, é o período em que a criança passa a ler fluentemente e a compreender as ideias dos textos. Nesta fase, a criança tem a capacidade de ler e interpretar textos curtos e depende menos das ilustrações. Esta etapa é intermediária, nela o desenvolvimento intelectual da criança atinge o nível das operações concretas. Neste sentido, para AGUIAR (1993, p. 98):

Através da vivência de situações mágicas, a criança resolve seus conflitos e adapta-se melhor ao mundo em que vive. Os interesses infantis dirigem-se, então, para o maravilhoso, o animismo, os seres sobrenaturais, de um lado, e o humor, o folclore, as histórias de índios de outro.[...] AO lado dos contos de fadas tradicionais uma outra vertente que se oferece a criança – os contos de fadas modernos, que questionam as normas estabelecidas, procurando, assim, desenvolver o espírito de observação, de crítica, de busca de soluções.

Sendo assim, observa-se que, nesta fase, a compreensão do real, acontece através da fantasia. Nota-se aí também, que as leituras que as crianças preferem não são mais tão ingênuas, no caso dos contos de fadas modernos, a criança com esse tipo de leitura, passa a ter uma visão mais madura.

2.4.4 Desenvolvimento das habilidades críticas

Nesta fase, dos onze aos treze anos, a criança consegue discernir o concreto do abstrato. Nesta etapa, mesmo de vez em quando, passando por momentos de fantasia, há uma maior preocupação da criança com relação à realidade. Desta forma, segundo AGUIAR (1993, p. 101):

A quarta fase de leitura estende-se dos onze aos treze anos e corresponde ao início do estágio de desenvolvimento que Piaget denomina “operações formais”, quando a criança atinge o domínio das estruturas lógicas do pensamento abstrato. Há, portanto, uma preocupação maior com a realidade, embora permaneçam eventuais momentos de fantasia.

Assim, percebe-se que a criança nesta etapa, segundo Piaget, está desenvolvendo as operações do raciocínio abstrato. Nesse estágio, a mesma passa por reflexões que a tornam capaz de definir o que acredita ou o que ainda considera hipóteses. Neste período ocorre um maior desenvolvimento onde a criança começa a aplicar o raciocínio lógico. Deste modo, o leitor aqui, com mais experiências de leitura, passa a desenvolver suas habilidades críticas. Sobre esta fase, segundo AGUIAR (1993, p. 101):

Essa orientação maior para o mundo é fator decisivo de socialização. Daí surgirem, nesse período, os grupos fechados, da mesma forma que há um aumento da agressividade. As preferências literárias giram em torno de fatos da realidade, ficção científica, histórias policiais e de fantasmas, onde predominam o sensacionalismo, a violência, as gangues e os violões. Livros ricos em aventuras, numa mescla de realidade e fantasia, com textos mais extensos e complexos em termos de conteúdos são indicados

Neste sentido, percebe-se que nesta fase além de interpretar a leitura, o leitor se posiciona diante dela. Inicia-se aqui uma introdução a leitura crítica, já que o leitor passa a fazer leituras de temas atuais, fantasmas, aventuras sensacionalistas, ficção científica e detetives.

2.4.5 Leitura crítica

A leitura crítica é a última fase, vai dos treze aos quinze anos de idade, assim alcançando a adolescência. Nessa fase o adolescente está descobrindo seu mundo interior e há a percepção do mundo dos valores. Sobre essa etapa do desenvolvimento da leitura, AGUIAR (1993, p. 103) afirma que:

Muito sensível aos problemas da sociedade, o adolescente volta-se para o questionamento da justiça e da verdade, ao mesmo tempo, em que se interroga sobre sua própria natureza e sobre o papel a desempenhar na comunidade adulta. A busca da identidade individual e social e a maior experiência de leitura conduzem o jovem a um exercício crítico frente aos textos, em que são comparadas idéias, emitidas conclusões, transferidos conhecimentos adquiridos para novas situações de vida.

Portanto, nota-se aqui que o adolescente tem uma capacidade de absorver ideias, e as confrontam com suas experiências. Nesta fase, o aluno ler, compreende, interpreta e passa a ter uma visão crítica com relação ao que foi lido. Os alunos se interessam em realizar leituras com temas como biografia, ficção científica, história, profissões. Nesta fase, surge o

interesse em ler contos, crônicas, temas psicológicos e sociais, narrativas de viagens, e a literatura adulta com romances, poesias.

Este período que compreende dos doze anos em diante, é o que Piaget chama de estágio das operações formais. Sendo assim, segundo FONTANA (1998, p.73):

Piaget chamou a estrutura cognitiva que sustenta as operações formais de estrutura de grade, para indicar que é uma forma de pensamento em que tudo pode ser relacionado a tudo o mais, permitindo assim que o indivíduo experimente várias combinações de proposições hipotéticas ao considerar um problema ou possível acontecimento futuro. O tipo de raciocínio assim gerado é conhecido como raciocínio hipotético-dedutivo, porque o indivíduo é capaz de criar hipóteses e fazer deduções a partir dos resultados, ampliando assim a compreensão do material com que está lidando.

Neste sentido, a partir desse momento onde o adolescente passa a criar esses questionamentos dos resultados, o mesmo passa a desenvolver sua autonomia e se torna capaz de interpretar os valores criados pela sociedade acrescentando o seu próprio pensamento. Desta forma, passando a desenvolver leituras, onde o indivíduo analisa criticamente o que é lido.

2.5 A leitura na escola

Para que alunos e professores tenham uma visão crítica dos acontecimentos à sua volta, é necessário que haja neles o hábito da leitura, pois através dela as pessoas se informam e aprendem a pensar e discutir essas informações, tendo capacidade então, de assumir um posicionamento baseado em argumentos, não em meras opiniões. Para que todos exerçam sua cidadania e para que tenham consciência de seu papel na sociedade é necessário que a leitura esteja presente em seu dia-a-dia. Pedro Demo (2006 p. 7) aprofunda essa questão, para ele:

[...] lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a impomos. A cidadania é a referencia maior. Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar. Saber pensar inclui, entre outros ingredientes, saber ler.

Deste modo, observa-se que a leitura assume um papel muito relevante para que os cidadãos exerçam sua cidadania, pois somente através dela é possível haver uma reflexão e um esclarecimento maior à cerca de tudo o que ocorre na sociedade.

Entretanto, no processo educativo das escolas, deve haver um maior incentivo por parte dos educadores para que seus alunos leiam mais e para que os educandos se motivem,

em contrapartida, o professor deve procurar alternativas de forma a tornar essa leitura interessante aos olhos dos alunos. Pois muitas vezes os professores propõem leituras que não os agrada, tornando-os desmotivados a ler. Sobre isso, Demo (2006, p. 43) afirma que:

[...] O compromisso do professor é enorme, porque na prática é ele que seleciona o que o aluno vai ler. Precisa ter formação suficiente para gerar alternativas e nunca deixar desaparecer no horizonte da escola que se trata de ler o mundo. Em grande parte, não é que os alunos não queiram ler nada. Não lêem o que queremos. Não é que não tenham motivação alguma. Têm outras e as ignoramos...

Sendo assim, o professor deve estudar o interesse de seus alunos e propor leituras que para eles sejam interessantes, pois, muitas vezes os educadores levam para sala de aula textos chatos, de difícil compreensão que desmotivam os educandos à leitura dos mesmos. Para que o professor cultive a leitura em seus alunos, deve procurar se aproximar do universo deles, explorando suas opiniões e estimulando sua criticidade. Para Maria Helena Martins, (2005, p. 34):

[...] A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim criar condições de leitura não implica apenas em alfabetizar ou propiciar acesso aos livros.

Além disso, após as leituras compartilhadas entre professores e alunos, o professor jamais deve descartar a opinião de um aluno sobre o que foi lido, pois o aluno também tem o conhecimento e ambos aprendem juntos. Para Paulo Freire: “[...] Na verdade, para que a afirmação “quem sabe, ensina a quem não sabe “se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem sabe saiba sobretudo que ninguém sabe tudo e que ninguém tudo ignora.” (Freire, 2006, p.27). O professor deve ser sabedor de que ele não sabe de tudo e de que seu aluno também pode aprender, pois ao desprezar a fala de seus alunos o professor estará ignorando seus conhecimentos. O que se pretende formar nas escolas brasileiras são alunos críticos, ou seja, estudantes que sejam capazes de refletir após uma leitura e a partir daí passar a ter a sua visão mais ampla com relação ao que foi lido. O professor deve dar espaço para que seu aluno desenvolva essa característica. Segundo Pedro Demo (2006, p.68):

[...] Compreender a realidade é, em grande medida, padronizar suas dinâmicas, de tal sorte que não predomine o sobressalto sobre o que há por vir. Estamos sempre interpretando a realidade à luz desta teoria do mundo, seja para viver itens que novidades colocam em questão, seja

para confirmar o já visto, seja para reconfigurar o todo em novas dimensões. Lendo, mexemos nesta configuração, acrescentamos, refazemos e reconstruímos.)

Portanto, observa-se que é através da leitura crítica que se torna possível a reconstrução do que se lê. Assim, o professor deve saber que o seu aluno tem muito a aprender com este tipo de leitura.

O problema da falta de leitura nas escolas é muito grande e o professor deve criar meios para diminuir essa situação, pois, ao assumir a profissão de educador, ele deve ter o compromisso de fazer o que estiver ao seu alcance para facilitar o aprendizado de seu aluno. Apesar de não ser fácil e das escolas públicas necessitarem de mais investimentos, o professor deve buscar solucionar essas dificuldades. Se, por exemplo, a escola não tiver bibliotecas, o papel do educador é ir à busca de livros na própria comunidade, fazer campanhas de arrecadação ou recorrer a alguns acervos bibliográficos na tentativa de solucionar essa situação. O professor deve permanecer ativo, no processo de aprendizagem de seus alunos, fazendo o possível para proporcionar um ensino de qualidade.

É muito importante que o educador, além de seus alunos, também assuma a leitura como um hábito. Infelizmente há muitos professores acomodados sem estímulo e sem a leitura. Não há como incentivar a leitura sem a praticarem no seu dia-a-dia e devem se conscientizar disso. O hábito de ler deve estar presente no ambiente escolar e deve haver um esforço por parte de ambos para que isso aconteça.

Deste modo, a leitura na escola deve ser bastante “explorada” em sala de aula, após fazê-la professor e aluno devem debater o que foi lido, ambos devem trabalhar esta leitura em conjunto e com troca de opiniões.

É muito importante que além de ler, se compreenda o que foi lido, porque se não há compreensão não há a leitura, mais infelizmente algumas pessoas lêem por ler não há a compreensão nem entendimento e principalmente não há o pensamento crítico. Os estudantes das escolas brasileiras necessitam se informar mais, refletir sobre os problemas que vivem a sociedade, e acima de tudo se tornarem pessoas conscientes do seu papel de cidadãos e isso é possível através da leitura.

O professor ao exercer sua profissão deve se encarregar de deixar seu aluno informado e sempre levar para sala de aula jornais, revistas recursos que informem seu aluno e deve trabalhar esta leitura de forma dinâmica elaborando atividades que ao mesmo tempo os informem e os divirtam. Existe uma infinidade de atividades envolventes que o educador pode desenvolver após uma leitura, como, por exemplo, debates, o aluno se envolve bastante em

uma atividade como esta, ao mesmo tempo em que aprende se diverte e compartilha a sua opinião. O problema é que muitos educadores se acomodam no tradicionalismo e não querem se dar ao trabalho de mudar e de melhorar suas aulas.

A leitura tem um papel importantíssimo na vida dos cidadãos, é necessário que professores e alunos se motivem por este hábito e os adotem em seu dia-a-dia, só assim o Brasil será um país de leitores e a população crescerá com sucesso. Para Pedro Demo (2006, p. 123)

[...] A escola sozinha não pode grande coisa, porque há inúmeros fatores outros que interferem no atraso. Mesmo assim, se soubesse melhor ler, contrair a realidade, crianças e jovens teriam alguma chance de enfrentar o mundo como sujeitos capazes de criar oportunidades, não como objetivos envelhecidos e à mercê de forças que não dominam, nem reconhecem, porque não “sabem ler”.

Dessa forma, se torna indiscutível a importância da leitura para a educação dos cidadãos e espera-se que cada vez se possam formar mais leitores nas escolas brasileiras.

Contudo, espera-se que as ideias levantadas neste trabalho possam servir de base e possibilite um aprofundamento posterior para futuras pesquisas à cerca desta temática. Portanto, pretendeu-se levantar questões relevantes a serem discutidas e pelo fato de este ser um tema bastante abrangente, jamais houve a intenção de encerrar toda a discussão a respeito do mesmo. Desta forma, é sabido que sempre existirão conhecimentos e novas contribuições à cerca deste e de qualquer outro tema, uma vez que o conhecimento é dinâmico, ou seja, está em constante transformação.

CAPÍTULO III

ANALISANDO OS DADOS

Neste capítulo, far-se-á a análise e interpretação dos conteúdos obtidos pela coleta de dados, através do questionário e das observações realizadas nas escolas. Desta forma, ocorrerá também um comparativo entre os dados obtidos e as observações realizadas ao decorrer da pesquisa.

No período das observações, se pôde perceber que, embora todas as professoras tenham admitido estimular o hábito da leitura em seus alunos, alguns deles, mesmo os que estão em séries mais adiantadas, ainda não conseguem ler uma palavra. Muitos mostram sentir preguiça quando a professora pede que os mesmos realizem uma leitura, outros ainda se mostram tímidos ou envergonhados quando é pedido para lerem em voz alta. Por outro lado também existem os que gostam de ler e participar das aulas e desenvolvem uma boa leitura. Nas séries de 4º e 5º ano, observou-se que alguns alunos já se posicionam após realizarem uma leitura, os mesmos expõem suas opiniões e já desenvolvem uma certa análise crítica.

3.1 Benefícios que a prática da leitura pode trazer

As professoras ao serem interrogadas a respeito dos benefícios que a leitura pode trazer aos educandos, as mesmas responderam que:

Professora A: Muitos benefícios, o principal deles é que através da leitura o aluno pode desenvolver seu senso crítico.

Professora B: A leitura traz um bom desenvolvimento no aprendizado e enriquece cada vez mais seus conhecimentos.

Professora C: Através dela os alunos passam a se comunicar melhor uns com os outros, e se tornam mais críticos.

Professora D: A leitura pode despertar no educando observações mais amplas do mundo, estimula a criatividade e desenvolve o senso crítico [...]

Professora E: Enriquece o vocabulário e possibilita também o exercício da imaginação [...]

Professora F: [...] A leitura traz benefícios formativos e informativos. Seu hábito pode tornar o ritmo do desenvolvimento mais saudável e eficiente.

Professora G: [...] A prática da leitura possibilita ao aluno uma maior capacidade de compreensão do mundo, senso crítico, comunicação e produção de conhecimento.

Professora H: A leitura melhora o vocabulário, a escrita e sem contar com o conhecimento adquirido durante o hábito de ler.

Diante dessas respostas percebe-se que para todas as professoras a prática da leitura pode trazer benefícios, neste sentido, algumas educadoras, citam que a leitura pode desenvolver o senso crítico do aluno. Deste modo, nota-se que as mesmas são conhecedoras da importância da leitura para a formação de um leitor crítico, embora, em sala de aula, muitas delas não estimulem a visão crítica dos alunos. Entretanto, apesar de saberem que a leitura traz vários benefícios, detectou-se no período das observações que nem todas as educadoras demonstraram um grande interesse em proporcioná-los aos seus alunos, já que as mesmas não trabalhavam a leitura de uma forma favorável.

Outro aspecto relevante é o citado pelas professoras E e H, que falam da importância da leitura no enriquecimento do vocabulário. Assim, se pôde perceber, através das observações, que os alunos que costumam ler com mais frequência se comunicam melhor e possuem um vocabulário mais correto. Desta forma, conclui-se que todas as educadoras percebem a relevância da leitura na vida de seus alunos, apesar de muitas vezes não propiciarem situações interessantes que possibilitem o desenvolvimento dos mesmos com relação à leitura.

3.2 Frequência com que o professor incentiva a prática da leitura

As educadoras ao serem questionadas sobre a frequência que as mesmas incentivavam o hábito da leitura em seus alunos, elas afirmaram que:

Professora A: Diariamente, pois é muito importante que os alunos desenvolvam esse hábito.

Professora B: Em todos os momentos das aulas.

Professora C: Sempre que é possível realizamos leituras em sala de aula, leituras estas de diversas maneiras.

Professora D: Com bastante frequência, geralmente é oferecido a eles livros paradidáticos, revistas em quadrinho, músicas e contos de histórias infantís.

Professora E: Diariamente, através de jogos, questionamentos. Fazemos leitura compartilhada:

Professora F: Todos os dias, aproveitando o máximo de oportunidades, interdisciplinarmente.

Professora G: Todos os dias sejam nas aulas de Língua Portuguesa ou em outras disciplinas, os alunos são incentivados a este hábito.

Professora H: Duas vezes por semana são realizadas rodas de leitura na sala de aula e na biblioteca.

Mediante a exposição dos sujeitos pesquisados verifica-se que todas as professoras admitiram incentivar a leitura em sala de aula. A maioria delas afirmou realizar esse tipo de atividade diariamente. Porém, observou-se que nem sempre são realizadas leituras em sala de aula, e quando esta é realizada, muitas vezes não ocorre como deveria.

Desta forma, é muito importante que o aluno realize leituras silenciosas, para que tenha um contato individual, mais próximo do texto. Entretanto, o educador deve mediar esse tipo de atividade; estimulando que seu aluno exponha sua opinião a respeito do que foi lido e haja uma discussão à cerca da temática dessa leitura. Neste sentido, através das observações pôde-se perceber que muitas professoras pediam para que seus alunos realizassem leituras silenciosas e logo após já passavam atividades sobre o texto, sem se quer haver uma conversa sobre o assunto que o texto abordou, faltando assim uma discussão sobre a temática estudada.

3.3 Estratégias utilizadas pelo docente ao trabalhar a leitura nas aulas

Ao serem consultadas sobre quais estratégias utilizavam para trabalhar a leitura em sala de aula, as educadoras ressaltaram que:

Professora A: Leitura silenciosa, compartilhada. Às vezes desenvolvemos debate de opiniões após algumas leituras.

Professora B: Leitura compartilhada, apontada, oral e com expressividade. Desenvolvo o cantinho da leitura.

Professora C: Leitura de revista em quadrinho, livros, revistas, jornais [...]

Professora D: Leituras de músicas, visual, parlendas, poesias, leitura de histórias, recontagem de histórias [...]

Professora E: Leitura Diária com jogos como o bingo de palavras e jogo da memória. Leitura compartilhada de pequenas narrativas [...] Fazemos roda de leitura.

Professora F: Leitura compartilhada, coletiva, individual, leitura instrucional, etc. Fazemos também leitura visual através de imagens e fotos.

Professora G: Realização de leituras em voz alta, compartilhada, silenciosa, em coro, pelo professor, etc. Momentos de discussões e produções à cerca das leituras realizadas, visita à biblioteca, atividades lúdicas.

Professora H: Roda de leitura, leitura compartilhada, dinâmicas, etc.

Diante das respostas explicitadas pelas educadoras percebe-se que todas utilizam estratégias para trabalhar a leitura em sala de aula. Porém algumas fazem uso de mais estratégias, umas utilizam metodologias mais interessantes, e outras ainda citaram poucas atividades de leitura que costumam realizar. Neste sentido, as professoras B, E, H, ressaltaram que desenvolvem atividades como roda de leitura e cantinho da leitura, estas, sendo bem realizadas, podem ser de bastante relevância para o desenvolvimento dos alunos.

Sendo assim, as professoras A e G argumentam que além da realização das leituras, as mesmas propõem discussões a respeito das leituras realizadas, afirmações estas que foram confirmadas através das observações, o que é de muita importância para a formação de leitores críticos.

As professoras D e F, afirmaram fazer uso da leitura visual ao ministrarem suas aulas, porém, no período das observações, não se presenciou atividades deste tipo. Desta forma. Destaca-se que esse tipo de leitura é muito importante para o desenvolvimento do educando, ao contrário dos que muitos pensam, a leitura não é realizada somente através de textos escritos, o educador deve explorar constantemente a leitura de imagens.

3.4 Dificuldades encontradas pelo professor para que os alunos pratiquem a leitura

Ao serem questionadas sobre as principais dificuldades encontradas para que os alunos desenvolvessem a prática da leitura no dia-a-dia, as educadoras responderam com as seguintes afirmações:

Professora A: Apesar de incentivarmos o aluno a ler na sala de aula, ao chegar em casa os pais não motivam seus filhos a lerem, dificultando o trabalho do professor.

Professora B: A timidez de falar em público, as conversas paralelas e o medo de errar.

Professora C: A principal dificuldade é que alguns alunos sentem preguiça de ler. Por mais que o professor cobre, isso dificulta na educação deles.

Professora D: Em alguns alunos seria a falta de concentração. A ausência de um cantinho da leitura na própria sala de aula.

Professora E: A maioria dos meus alunos iniciaram o ano sem terem sido alfabetizados. Pouca ajuda por parte dos pais e o desinteresse de alguns alunos atrapalha um pouco.

Professora F: A pouca quantidade de livros paradidáticos adequado à idade literária da turma, a má organização do acervo, dificultando a seleção dos livros para leitura direcionada e livre. [...] A família não dá exemplo.

Professora G: A maior dificuldade é a falta de incentivo por parte dos pais que não ajudam seus filhos a ter um maior interesse e acham que isso é apenas atribuição da escola. Porém, é necessário compreender que a maioria desses pais não sabem ler e, é claro, não possuem este hábito, tão importante para a formação de seus filhos.

Professora H: O próprio interesse deles em adquirir conhecimento.

Analisando as respostas das professoras percebe-se que as professoras A, E, G, disseram que um fator que dificulta a prática da leitura por parte dos alunos, é a falta de estímulo por parte dos pais. A educadora G, ainda destaca que muitos dos pais não sabem ler e conseqüentemente não desenvolvem esta prática. Infelizmente, é possível encontrar realidades como esta nas escolas brasileiras. Porém, por outro lado, percebe-se que nenhuma das professoras admitiu ter alguma parcela de culpa quanto a essas dificuldades. Algumas culpam a escola, outra culpou a família, como no caso da professora F, para ela a família não dá exemplo para que o aluno se espelhe e passe a desenvolver leituras diariamente e outras educadoras responsabilizaram o próprio aluno, como as professoras B, C, D e H.

Todavia, vale ressaltar, que partindo das observações, percebeu-se que muitas das dificuldades encontradas para que o aluno desenvolva o hábito da leitura é devido a algumas metodologias adotadas pelas próprias educadoras. Muitas delas, apesar de relatarem propor atividades que envolvam a leitura, as realizam de qualquer forma, ou nem as realizam com freqüência.

Desta forma, percebe-se que o educador tem um papel muito relevante para que o aluno desenvolva a leitura não somente na escola como em toda sua vida. Assim, como a escola em geral e sua estrutura, a família e a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, objetivou-se analisar como vem sendo desenvolvida a prática da leitura no Ensino Fundamental. Para isso, serviram de instrumentais a observação e o questionário, aplicado a oito professoras atuantes em escolas públicas da cidade de Parnaíba. Os mesmos auxiliaram na compreensão do pensamento e da prática dos envolvidos nessas escolas. Desta forma, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa, partindo esta da realidade das vivências presentes nos estabelecimentos de ensino.

Assim, se abordou nesse trabalho aspectos relevantes relacionados à importância do hábito de ler para a educação. Deste modo, a leitura não deve ser trabalhada como um simples ato de decodificar símbolos lingüísticos, pois o educador deve incentivar o seu aluno a se tornar um leitor reflexivo. Portanto, o professor deve fazer com que seu aluno procure ler cada vez mais, para isso o mesmo deve utilizar maneiras diferentes e criativas para trabalhar a leitura em suas aulas.

Para que haja de fato a formação de alunos leitores é importante que tanto os professores como a família, os alunos e demais funcionários da escola estejam empenhados para que isso ocorra. Além da formação de alunos leitores, estes devem ser leitores críticos, pois a leitura, sendo bem realizada, contribui para que estas pessoas sejam reflexivas e conscientes de suas opiniões.

Sendo assim, para que ocorram melhorias na educação de qualquer país, é imprescindível que se incentive a prática da leitura nas escolas, pois para a formação de cidadãos informados e conscientes de seu papel na sociedade, é de suma importância que o hábito de ler esteja presente na realidade dessas pessoas. E esta leitura não deve ser realizada de qualquer modo, portanto, aí está a importância do educador desenvolver uma boa metodologia, ou seja, sua prática deve estar voltada para o desenvolvimento da leitura crítica em seus alunos.

É importante que, além do professor ter consciência da importância da leitura, o mesmo passe a desenvolver uma prática favorável. Entretanto, pôde-se perceber nos dados obtidos na pesquisa, que isso não ocorre, ou seja, apesar do que foi relatado através dos questionários pelas professoras, no período das observações, notou-se certa contradição na fala de algumas delas. Assim, é inegável que o professor deve também ler mais para que com seu exemplo a leitura torne-se um hábito, não uma tarefa angustiante para seu aluno.

Diante do exposto, a presente pesquisa visa contribuir para um processo de reflexão no que concerne justificar a importância da prática da leitura nas escolas, servindo assim de incentivo para posteriores estudos sobre esta temática.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: Critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Regina. (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11ª.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2000.
- CATTANI, Maria Izabel. ; AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1º grau: A proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina. (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11ª.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006. ✓
- FISCHER, Steven R. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FONTANA, David. **Psicologia para professores**. 2ª ed. São Paulo: Editora Loyola, 1998.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48ª. ed. ✓ São Paulo: Cortez, 2006.
- MAROTE, João Teodoro D. ; FERRO, Gláucia D. Marote. **Didática da língua portuguesa**. 11ª. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. ✓
- MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- SEERIG, Ana Paula. et al. Índice de Leitura no Brasil. **Leitura e Releitura**. Disponível < <http://sites.google.com/site/leituraereitura/indice-de-leitura-no-brasil> >. Acesso em: 4 de Junho de 2010, 18h3min15s.
- ZILBERMAN, Regina. (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11ª.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

CRONOGRAMA

ATIVIDADES	2009.2				2010.1				
	AGO	SET	OUT	NOV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Levantamento bibliográfico	X	X	X	X					
Coleta de dados		X	X	X					
Análise crítica e interpretação dos dados					X	X			
Redação da monografia					X	X	X	X	
Apresentação da monografia									X

APÊNDICE - B**ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS**

1. Caracterização geral da turma (número de alunos, faixa etária, predominância de sexo, situação familiar, situação de classe social, nível de rendimento, dificuldades de aprendizagem, ocupação além da escola, lazer etc).

2. Correspondência entre a teoria e a prática. Se as atividades desenvolvidas operacionalizam o que foi planejado.

3. A atuação pedagógica do professor (linguagem, liderança, atendimento, segurança, forma de abordagem do conteúdo, desenvolvimento de técnicas, uso de recursos, forma de avaliação, controle e disciplina).

4. Características pessoais do professor (otimismo, compromisso, motivação).

5. Atuação dos alunos (interesse, participação, cooperação, linguagem).

6. O incentivo à prática da leitura (como vem sendo desenvolvido este hábito em sala de aula).

APÊNDICE – C
QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROF ° ALEXADRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Questionário referente ao projeto de conclusão do curso, intitulado “A prática da leitura nas escolas”, aplicado pela acadêmica Carolina Carvalho Veras, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia Bloco VIII, da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO AOS PROFESSORES

Nome: _____

Tempo de atuação na área: _____

Série que leciona: _____

Turno: _____ Turma: _____

1. Qual o seu grau de formação?

- Ensino médio Superior incompleto Superior completo
 Pós-Graduação Outros

2. Que benefícios você acredita que a prática da leitura pode trazer na vida dos educandos?

3. Com que frequência você incentiva o hábito da leitura em seus alunos?

4. Quais as estratégias utilizadas por você ao trabalhar a leitura em sala de aula?

5. De acordo com sua prática em sala de aula, quais as principais dificuldades encontradas para que seus alunos desenvolvam a prática da leitura no dia-a-dia?
